

O passado explica-o, o presente confirma-o e o futuro ainda o convocará: Luís Filipe Menezes

written by Ana Durana | 24 de Abril, 2026

OCIDADÃO
Análise e Opinião

OPINIÃO
Ana Durana



Há figuras públicas que pertencem ao seu tempo.

E há outras que ultrapassam o tempo em que exerceram funções, porque deixam marca, método e memória. Luís Filipe Menezes pertence a essa segunda categoria.

O passado explica-o na visão transformadora, na ambição para um território que recusou ser periférico, na capacidade de pensar grande quando muitos se resignavam ao pequeno. Há momentos em que governar é gerir. E há outros em que governar é rasgar caminho. Foi nesse plano que construiu singularidade.

Não por acaso, a história pública regista momentos que continuam a falar por si. Em 1998, quando se falava de “*habitação social assistida*” em Vila d’Este, em Vila Nova de Gaia, já se desenhava um modelo que ligava casa, dignidade e acompanhamento social. Muito antes de ser discurso, já era prática.

E talvez seja precisamente aí que o passado encontra o presente. Estive recentemente na entrega de cinco casas reabilitadas no empreendimento social D. Manuel Clemente. Não foi apenas um ato administrativo, nem apenas mais um número num relatório. Foi um momento humano. Chave na mão. Olhos húmidos. Emoção verdadeira. A emoção, por vezes em lágrimas, de quem recebia não apenas uma casa, mas aquilo que hoje é talvez o bem mais desejado e mais difícil de alcançar: um lugar para viver com dignidade. Há decisões políticas que se medem em milhões. E há decisões políticas que se medem em lágrimas. E, por vezes, são estas que mais dizem sobre o que verdadeiramente importa.

O presente confirma-o porque muitas das discussões de hoje continuam a cruzar-se com caminhos que já tinham sido intuídos, defendidos ou iniciados. Confirma-o porque o seu nome continua a surgir não apenas em memória, mas em atualidade. Surge nas capas, nos telejornais e no debate político quando se fala de Gaia, de mobilidade, de habitação e de estratégia territorial. E isso não é acaso. É prova.

Não é por acaso que se assiste a um ataque político continuado. Quando há tanto esforço em descredibilizar, é porque do outro lado se reconhece dimensão, influência e capacidade de disputar o futuro.

Num tempo em que se discutem grandes soluções para a mobilidade metropolitana, ganham particular significado as novas vias estruturantes apresentadas por Luís Filipe Menezes para o concelho, da VL1 à VL11, incluindo a ligação do Estádio Jorge Sampaio ao Nó dos Carvalhos. Mais do que traçados em

mapa, são uma visão articulada de território, mobilidade e futuro. E isso confirma, uma vez mais, que certas lideranças não vivem apenas da memória: continuam a produzir horizonte. Também na saúde, a defesa do Hospital de Gaia e das suas valências diferenciadas permanece inscrita numa ideia de território que não aceita perder escala nem centralidade. E na habitação, os números que hoje colocam Gaia em destaque nacional não podem ser lidos sem memória do caminho feito. O tempo, esse juiz severo, repõe proporções. E muitas vezes só anos depois se compreende a dimensão de certas lideranças.

O futuro ainda o convocará. Não necessariamente em funções, mas como referência, como experiência, como memória política e como pensamento. Porque as comunidades, quando enfrentam desafios maiores, tendem a visitar os seus construtores. E há um sinal raro de que a história também reconhece: o regresso. Poucos nomes regressam e continuam a mobilizar atenção, a convocar expectativa e a permanecer notícia. Isso não é apenas circunstância. É densidade política.

Isto não é nostalgia. É leitura histórica. As cidades fazem-se de pedra, de políticas e de pessoas, mas fazem-se também de legados. E há legados que não se esgotam quando termina um mandato, porque continuam a interpelar gerações.

Por isso a frase não é apenas uma homenagem. É uma síntese.

O passado explica-o, porque revela a obra.

O presente confirma-o, porque reconhece a marca.

E o futuro ainda o convocará, porque certas referências não pertencem apenas ao ontem. Permanecem.

E talvez por isso também se possa dizer: nem o passado o encerra, nem o presente o esgota, nem o futuro o apaga: Luís Filipe Menezes.